



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/07/2021 a 05/08/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
30/07/2021	14,14	352,60	65,82	7,03	5,47
02/08/2021	14,18	357,20	64,62	7,29	5,58
03/08/2021	13,92	347,80	63,27	7,24	5,50
04/08/2021	14,03	353,10	62,77	7,17	5,45
05/08/2021	14,02	356,90	62,47	7,12	5,55
Média	14,06	353,52	63,79	7,17	5,51

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	151,00	
RS – Não Me Toque	151,00	
RS – Londrina	153,00	
PR – Cascavel	152,00	
MT – C.N.Parecis	157,00	
MS – Maracaju	156,00	
GO - Rio Verde	151,00	
BA – L.E.Magalhães	S/C	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	80,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	90,00	
SC – Rio do Sul	91,00	
PR – Cascavel	96,00	
PR – Londrina	97,00	
MT – C.N.Parecis	78,00	
MS – Maracaju	92,00	
SP – Itapetininga	101,00	
SP – Campinas	102,00	CIF
GO – Rio Verde	88,00	
GO – Jataí	88,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 04/08/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 05/08/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	89,38	154,03	80,91

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
05/08/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	72,56
Feijão (saco 60 Kg)	250,67
Sorgo (saco 60 Kg)	62,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,23**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,08

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Julho/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, acabaram recuando nesta primeira semana de agosto. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (05) em US\$ 14,02/bushel, contra US\$ 14,34 uma semana antes, tendo mesmo atingido a US\$ 13,92/bushel no dia 03/08. A média de julho fechou em US\$ 14,24/bushel, ficando 2,6% abaixo da média de junho.

A pouca demanda chinesa nestes últimos tempos e o retorno de chuvas na região produtora dos EUA, mesmo que irregulares, acabaram puxando os preços para baixo. Ao mesmo tempo, na semana, o dólar se fortaleceu no mercado internacional, tirando competitividade da soja estadunidense.

Nestes próximos dias o mercado estará na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, o qual está previsto para o dia 12/08, assim como continuará atento a evolução climática sobre as lavouras. O mês de agosto é o mais importante para definir o tamanho da safra a ser colhida nos EUA e, portanto, o clima é ainda mais decisivo. Afora isso, o mercado aguarda que a China volte às compras de soja estadunidense, visando recompor estoques até o final do ano. Ao mesmo tempo, a partir de agora a oferta brasileira é menor, embora ainda haja bons volumes para exportar.

Além disso, a semana trouxe uma correção para cima na qualidade das lavouras de soja estadunidenses, confirmando que o clima não está tão ruim assim por lá, fato que surpreendeu o mercado. Segundo o USDA, até o dia 01/08, o índice de lavouras entre boas a excelentes passou a 60%, quando o mercado esperava 57%. Já as lavouras regulares ficaram em 28% e as ruins e muito ruins em 12%. Em fase de floração existem 86% das lavouras e em fase de formação de vagens havia 58% das mesmas neste início de agosto.

Por outro lado, voltou a preocupar o mercado a questão do coronavírus. Existe uma nova explosão de casos na China, agora ligados à variante Delta em sua maioria, obrigando o país a novos fechamentos de cidades e regiões pelo sistema de isolamento. Isso pode prejudicar o comércio externo chinês nas próximas semanas caso a dimensão do problema, que já vem se tornando novamente mundial, aumente. Neste momento seriam mais de 20 províncias chinesas atingidas pela nova forma da doença.

Dito isso, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 29/07, atingiram a 181.193 toneladas para o ano comercial atual, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total no ano atinge 58,2 milhões de toneladas, ficando 48% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Vale ainda registrar que em Chicago o óleo de soja cedeu bastante na semana, perdendo entre os dias 29/07 e 04/08 um pouco mais de 6,2% de seu valor. Já o farelo de soja, diante dos problemas enfrentados pelas indústrias moageiras chinesas há mais tempo, tem recuado bastante nas últimas semanas, chegando a trabalhar abaixo de US\$ 350,00/tonelada curta em alguns momentos da corrente semana.

E aqui no Brasil, os preços estiveram mistos, com algumas regiões registrando recuo médio nos preços, e outras um pequeno avanço. A manutenção de um câmbio entre R\$ 5,15 e R\$ 5,20 na maior parte da semana, assim como prêmios positivos, ajudou a evitar um recuo maior puxado pelas quedas em Chicago.

Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 154,03/saco, com muitas regiões de referência praticando R\$ 151,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços da oleaginosa oscilaram entre R\$ 151,00 e R\$ 157,00/saco.

O mercado continua atuando de forma lenta, na expectativa de uma revalorização do Real a partir da decisão do Copom de aumentar a Selic em um ponto percentual, nesta quarta-feira passada, elevando a taxa anual para 5,25%.

Novas estimativas sobre a futura safra 2021/22 dão conta de que o Brasil possa chegar a pouco mais de 143 milhões de toneladas, com alta de 5,6% sobre a última colheita, a partir de uma área semeada de 40,1 milhões de hectares, ou seja, 1,5 milhão a mais do que o plantado no ano anterior. (cf. StoneX) Em isso ocorrendo, desde que o clima seja favorável, a oferta nacional de soja será bem melhor no próximo ano, pressionando para baixo os preços da oleaginosa no mercado interno.

Nestas condições, espera-se exportações ao redor de 92 milhões de toneladas em 2022, contra 85,5 milhões que deverá ser o volume do corrente ano. Já a demanda interna crescerá para 49 milhões de toneladas, ante as 47,5 milhões de 2021. Com isso, os estoques finais de soja no Brasil, no encerramento de 2021/22, quase que duplicariam, passando a 6,3 milhões de toneladas.

Por enquanto, o Brasil já teria exportado cerca de 70 milhões de toneladas neste ano 2021, constituindo-se em um recorde histórico para o período. A partir de agora, o restante do produto ficará entre o mercado interno e o externo.

Por sua vez, a Anec vai ainda mais longe, indicando uma futura safra em 144 milhões de toneladas e possíveis exportações em 94,3 milhões de toneladas. Segundo os dados da Associação, isso representaria 5,1% acima do colhido na safra anterior, e 9% acima das exportações do corrente ano.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, também recuaram um pouco nesta semana, fechando a quinta-feira (05), para o primeiro mês cotado, em US\$ 5,55/bushel, contra US\$ 5,58 uma semana antes. A média de julho ficou em US\$ 6,05/bushel, com um recuo de 10% sobre a de junho.

Além da expectativa do novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 12/08, o mercado pouco se abalou com o recuo nas condições das lavouras estadunidenses do cereal. O índice de boas a excelentes caiu para 62%, perdendo dois pontos percentuais em relação a semana anterior. Já as lavouras regulares ficaram com 27% do total e as ruins a muito ruins em 11% no dia 1º de agosto. Nesta data,

91% das lavouras estavam em fase de embonecamento, enquanto 38% se encontravam em fase de enchimento de grãos.

Quanto às exportações estadunidenses de milho, na semana encerrada em 29/07 o volume atingiu a 1,4 milhão de toneladas, ficando acima do esperado pelo mercado. Somando este volume, o total do atual ano comercial chega a 62,8 milhões de toneladas, ou seja, 65% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, no mercado brasileiro o cereal continua firme, porém, em algumas localidades os preços perdem um pouco de força devido a colheita da segunda safra. Esta já atinge a mais de 60% da área semeada e, mesmo com elevada quebra, os preços são pressionados pelo fato de os produtores estarem vendendo rapidamente a safra visando aproveitar o bom momento do mercado.

Assim, a semana fechou com a média gaúcha atingindo a R\$ 89,38/saco, enquanto nas demais praças nacionais o saco de milho oscilou entre R\$ 78,00 e R\$ 101,00. Já na B3, a abertura do pregão da quinta-feira (05) registrava R\$ 95,38/saco para o contrato setembro/21; R\$ 96,10 para novembro/21; R\$ 97,40 para janeiro/22 e R\$ 96,97/saco para março/22.

Efetivamente, a safra total de milho neste ano, no Brasil, será muito menor. Novas estimativas dão conta de que o total (somando todas as safras) chegue a 87,1 milhões de toneladas em 2020/21. Será a menor safra desde 2017/18, quando foram colhidas 80,7 milhões de toneladas. Especificamente para a safrinha espera-se um volume de 59,6 milhões de toneladas no momento. (cf. StoneX)

No Paraná, por exemplo, a quebra é de 58% em relação a expectativa inicial, com o volume final ficando em apenas 6,1 milhões de toneladas. Neste Estado, a colheita da safrinha chegou a 10% da área total neste início de agosto, havendo ainda 92% das mesmas ainda em fase de maturação. Em termos de qualidade, apenas 6% estão em boas condições, 41% estão médias e 53% ruins (cf. Deral). No Mato Grosso, as perdas alcançam 4 milhões de toneladas em relação ao esperado inicialmente, com o volume final ficando em 32 milhões de toneladas (cf. Imea). Já em Goiás, as perdas se confirmam ao redor de 40% do esperado, com o volume final da safrinha estimado, agora, em 6 milhões de toneladas (cf. Ifag). No Mato Grosso do Sul, com uma produtividade média esperada em 52,3 sacos/hectare, a produção final tende a alcançar apenas 6,3 milhões de toneladas (cf. Famasul).

Já para a futura safra 2021/22, no verão espera-se um volume final de 29,8 milhões de toneladas, em condições normais de clima. Isso representará 15,7% acima do colhido no ano anterior. Espera-se que a área de verão suba para 4,45 milhões de hectares, ganhando quase 6% sobre o ano anterior. A produção total de milho no país, para o próximo ano, pode chegar a 113,9 milhões de toneladas. Em isso se confirmando, as exportações de milho por parte do Brasil, no próximo ano comercial, podem voltar à casa das 40 milhões de toneladas, após 19 a 20 milhões estimadas para o corrente ano. Em paralelo, a demanda interna subirá para 72,5 milhões de toneladas. (cf. StoneX)

Em termos de comércio exterior, nos primeiros sete meses do corrente ano o Brasil importou 1,08 milhão de toneladas, caminhando para um recorde no final do ano. No

primeiro semestre do ano, 84% do milho importado se originou no Paraguai, 15% na Argentina, 1,3% nos EUA e 0,03% na África do Sul (cf. Secex). Alguns analistas chegam a avançar a possibilidade de importarmos entre 2,5 a 4 milhões de toneladas de milho em 2021. Esse volume tende a frear altas ainda mais agudas nos preços internos do cereal para o final do ano.

Quanto às exportações, para o mês de agosto a expectativa é de que o Brasil exporte 3 milhões de toneladas, contra mais do que o dobro no mesmo mês do ano passado (6,7 milhões de toneladas). No total anual exportado, a Anec revisou ainda mais para baixo o volume a ser escoado, estimando agora que o mesmo chegue a apenas 17 milhões de toneladas diante da forte quebra da safrinha e do aumento na demanda interna. Neste caso, nossas vendas externas de milho ficariam abaixo do registrado no ano de 2015/16, quando o país vendeu 18,8 milhões de toneladas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, se mantiveram acima dos US\$ 7,00/bushel durante estes primeiros dias de agosto. O fechamento desta quinta-feira (05) ficou em US\$ 7,12/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 7,05 uma semana antes. A média de julho fechou em US\$ 6,65/bushel, representando um recuo de 0,15% sobre a média de junho.

A colheita do trigo de inverno nos EUA atingia a 91% da área total até o dia 1º de agosto, contra a média histórica de 86%. Já o trigo de primavera acusava uma colheita de 17%, contra 8% na média histórica. Ainda em relação ao trigo de primavera, apesar da melhora, apenas 10% das lavouras estadunidenses estavam entre boas a excelentes condições no início de agosto, contra 26% em situação regular e 64% entre ruins a muito ruins.

Já em relação às exportações para a safra 2021/22, na semana encerrada em 29/07 os EUA venderam 387.200 toneladas do cereal, ficando o volume 1% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Mesmo assim, o volume ficou dentro das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, os EUA exportaram 3,77 milhões de toneladas, ou seja, 20% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, na Rússia, a safra local deverá ser ainda mais reduzida do que o previsto, ficando em 76,4 milhões de toneladas de trigo. O corte, além do clima, se deve à redução na área semeada com trigo de inverno, a qual ficou em 15,6 milhões de hectares, contra 16,8 milhões inicialmente estimados (cf. Sovecon). É bom lembrar que a Rússia é o maior exportador mundial de trigo, fornecendo o produto especialmente para a África e o Oriente Médio.

E na Argentina, o Ministério da Agricultura local informou que o vizinho país já exportou, neste ano 2021/22, um total de 4,33 milhões de toneladas de trigo até o dia 21/07. Isso significa 24,3% acima do exportado no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços do trigo se mantiveram firmes, diante das geadas que se abateram sobre as regiões produtoras, causando estragos especialmente no Paraná,

mas também em partes de Santa Catarina e São Paulo. A média gaúcha no balcão fechou a primeira semana de agosto em R\$ 80,91/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 88,00 e R\$ 90,00/saco.

Assim, o clima e a retração dos produtores em vender o produto, mesmo na iminência de uma revalorização do Real (o que favorece as importações), mantiveram os preços internos elevados. Vale ainda lembrar que as geadas pioraram a situação do milho safrinha, fato que elevou os preços do farelo de trigo, o qual vem sendo muito procurado para substituir o milho nas rações animais.

Ainda sem uma contabilização adequada, sobre o tamanho da quebra que as geadas provocaram nas regiões produtoras nacionais, o fato é que 27% das lavouras do Paraná estavam em situação suscetível ao fenômeno durante o mês de julho, especialmente em relação ao que ocorreu na última semana do mês passado. Novas geadas a partir de agora farão enormes estragos, já incluindo agora o Rio Grande do Sul. Ou seja, no Estado gaúcho, com a safra toda ela semeada, no final de julho somente 2% das lavouras estavam em fase de floração, e pouco suscetíveis à geadas. Todavia, a partir deste início de agosto, as lavouras gaúchas do cereal entram em fase mais crítica em relação ao fenômeno.